



O Estágio Supervisionado em Educação Infantil: A prática pedagógica e a importância das brincadeiras e ludicidade pautada na construção do conhecimento das crianças

Rita Marles Gonçalves¹

ritamarles@outlook.com

Claudiana dos Santos Vieira²

claudiasvd01@gmail.com

Patrícia dos Santos Pereira Henrique³

Patriciahenrique91.ph@gmail.com

RESUMO

O presente artigo versa sobre o projeto de Estágio Supervisionado em Educação Infantil intitulado “Prática pedagógica na educação infantil: A ludicidade fazendo parte na construção do saber”, pois tivemos como finalidade e objetivo geral, oportunizar em nosso trabalho educativo e pedagógico de regência do estágio, o envolvimento da ludicidade e das brincadeiras na promoção da participação e interação das crianças nas atividades desempenhadas, considerando-as como riquíssimas fontes de aprendizagem para as crianças e para seu desenvolvimento, apoiadas assim em vários autores que defendem essa perspectiva. A metodologia adotada no projeto foram práticas educativas voltadas para as brincadeiras e a ludicidade, em que foram trabalhadas com as crianças de uma turma pré-escolar na cidade de Água Branca- AL. O projeto foi realizado dentro de um período de quinze (15) dias letivos entre os meses de maio e junho do corrente ano de 2018, perfazendo um total de 60 horas. A aplicação do projeto e as vivências de estágio nos despertaram para um olhar crítico e reflexivo da identidade docente, dos desafios e do seu papel na formação humana de outros indivíduos que estão em pleno desenvolvimento e processo de formação, percebendo a Educação Infantil, como uma fase primordial na construção da identidade da criança e da importância da preservação das brincadeiras no processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Educação Infantil. Estágio Supervisionado. Brincadeiras. Ludicidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a experiências sobre um projeto de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, que fora desenvolvido durante o estágio de três (3) estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) entre os meses de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Maio e Junho do corrente ano letivo de 2018, perfazendo um total sessenta (60) horas que foram distribuídas em quinze (15) dias letivos. O projeto fora pensado e intitulado como: “Prática pedagógica na educação infantil: A ludicidade fazendo parte na construção do saber”, sendo este aplicado em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Água Branca- AL.

Tivemos como objetivo geral: Promover a participação e interação das crianças nas atividades desempenhadas através da ludicidade e das brincadeiras; considerando estas como fontes essenciais a aprendizagens e a formação das crianças, devendo fazer-se presentes no cotidiano das crianças e na Educação Infantil. Entendendo que as brincadeiras devem ocupar um papel significativo nas creches e escolas e não simplesmente como uma ocupação de tempo das crianças, mas que esta tenha propostas e objetivos específicos e de forma planejada e articulada por parte do docente e de toda a instituição.

Os objetivos específicos deste projeto foram: Proporcionar interação das crianças no trabalho conjunto, valorizando o brincar como norte da educação infantil nas aprendizagens; considerando a imaginação criativa das crianças, respeitando suas falas e autonomia, despertando o senso de cooperação, respeito de regras, como também atos de gentileza para com seus pares, e demais sujeitos. Assim, em nossas propostas pedagógicas consideramos variados tipos de brincadeiras, como meio para atingir a aprendizagem das crianças dentro do período em que estivemos com elas. O projeto fora realizado, logo após as observações que antecederam a regência do estágio.

O estágio supervisionado em Educação Infantil, de observação e regência é obrigatório, componente fundamental no processo formativo, que oportuniza aos estudantes (futuros docentes) no tateamento em sala de aula, conhecimento da realidade local, que lhe permitirá em processo de formação a realização de uma atividade teórico-prática, importante no processo de formação acadêmica e profissional, identificando desafios e possibilidades de intervenção frente às demandas do sistema educacional. Além disso, este é o primeiro estágio de prática efetivamente de regência dos estagiários em sala de aula. Momento de grande significado na vida dos futuros pedagogos, depois de vivenciarem experiências teóricas e profissionais dentro da graduação, pois o campo (instituição de ensino)

revelará suas vivências cotidianas, a efetividade do seu real contexto, cabendo aos estagiários observarem e refletir sobre a sua prática e do como fazer o processo acontecer dentro do contexto em que está inserido.

Para Lima,

Há grande necessidade de que o estagiário encontre o seu lugar na escola, dentro das relações de que participa e que o Estágio inclua no seu projeto uma proposta de mudança de enfoque, sugerindo que os alunos reconheçam sua própria presença e o seu papel no local do estágio, em vez de focalizarem suas atenções apenas nos fracassos encontrados. Dessa forma, o período do Estágio/ Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre as aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar (LIMA, 2008, p.200).

Neste sentido, o estágio é um momento de adequação e identificação do estagiário dentro de seu campo de atuação. E não só que questione as ações que observa dentro da escola, mas que contribua no processo de aprendizagem dos discentes.

Diante de todas as discussões que vivenciamos ao longo da nossa formação universitária sobre infância e Educação Infantil, e a importância e função das brincadeiras na construção humana, social das crianças, discutidas por vários teóricos que debatem sobre o assunto, busquemos propiciar na aplicação do estágio, os variados tipos de brincadeiras e verificamos o quanto o trabalho docente pode ser estimulante às crianças, do quanto às falas das crianças e o conhecimento delas pode ser demonstrados por meio do brincar, em que elas podem se sentirem motivadas, sensibilizadas à participação e interação com o outro, e do quanto a sua identidade pode ser reveladora.

Para Borba (2007), o brincar promove a sociabilidade entre as crianças no qual compartilham seus objetos, espaços, conhecimentos, por meio do envolvimento com as brincadeiras e criando sentimento de amizade. Ou seja, a brincadeira desencadeia em relações e laços sociais entre os pares.

é preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso aprender com eles a rir, a inverter a ordem, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar. E, no encontro com eles, incorporando a dimensão humana do brincar, da poesia e da arte, construir o percurso da ampliação e da afirmação de conhecimentos sobre o mundo. Dessa forma, abriremos o caminho para que nós, adultos e crianças, possamos nos reconhecer como

sujeitos e atores sociais plenos, fazedores da nossa história e do mundo que nos cerca (BORBA, 2007, p.44).

Ou seja, o docente, tem um papel fundamental na educação das crianças e adolescentes e é preciso que este também se envolva com as brincadeiras, volte a sua infância, compartilhe momentos com as crianças de imaginação e recriação, com alegria e diversão. E ao mesmo tempo, fazendo destes momentos significativas fontes de conhecimento e representação social e cultural.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo tem o objetivo de apresentar experiências de um projeto em Estágio Supervisionado em Educação Infantil, produzido por três estudantes da Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão. O projeto traz por Tema “Prática pedagógica na educação infantil: A ludicidade fazendo parte na construção do saber”, como já apresentado no início do trabalho. O projeto fora elaborado por base nas observações que foram realizadas em um turma pré-escolar que atendia a um quantitativo de quinze (15) crianças, que eram distribuídas nas turmas de Pré 1 e Pré 2, ambas turmas juntas formando uma única turma por motivo de quantidade insuficiente para formar turmas separadas

A escolha da instituição de ensino para a realização da regência, se deu por esta fazer parte do município em que as estagiárias residem e por esta ofertar a Educação Infantil. E assim, dirigimos para a instituição e fomos bem recebidas pela direção e docente da instituição que nos acolheram. Deste modo, logo após as observações que foram realizadas durante quatro (4) dias, prosseguimos a elaboração do projeto, em que pautemos em práticas pedagógicas que dialogassem com os conhecimentos das crianças por meio das brincadeiras. Além disso, como meio também de promover a participação e interação entre elas, pois nas observações percebíamos que algumas crianças não tinham muita interação com as outras, ficavam sempre sentadas, quase não se movimentavam de suas cadeiras, e verificamos a necessidade de maior interação entre elas.

Em nosso projeto trabalhamos jogos e brincadeiras tais como: pescaria com as letras do alfabeto, histórias e recontos feito pelas crianças, brincadeiras de rodas, caixa das letras, dinâmica das frutas, caixa das sensações, dinâmica do pano encantado, jogo com boliche, atividade sobre as cores, imitação de animais, trabalho com o nome das crianças, utilizando o jogo da forca, entre tantas outras atividades que foram desenvolvidas em sala, mas que vislumbrava conter em cada plano de atividade diário, alguma atividade em que as brincadeiras e ludicidade fizessem-se presentes.

Um dos elementos que adotamos em sala de aula foi o uso do tapete em que todas as crianças pudessem sentar-se no chão, todas reunidas, para contação de histórias e outras atividades, e maior envolvimento entre elas, pois durante as observações as crianças ficavam sentadas apenas nas suas carteiras no qual tinha as mesinhas, e ficava um grupo de quatro crianças por cada mesa.

Deste modo, na aplicação do projeto fizemos uso da rotina diária com as crianças. Para Barbosa, 2006, p.115 “[...] as rotinas operam como categoria pedagógica na educação infantil”. Exercendo assim, um papel fundamental na educação infantil. Em que trabalhamos o uso do calendário, chamada, quantos somos, e em seguida dava sequência as demais atividades, com contação de histórias, rodas de conversa, atividades, brincadeiras etc.

Enfim, realizamos um planejamento pedagógico pensando também nas vozes das crianças, e em estratégias que viessem a contribuir tanto para seu aprendizado, aliado ao seu conhecimento de mundo, quanto para seu desenvolvimento social de interação e relação com o outro, haja vista ter observado que em alguns momentos durante as observações, alguns confrontos e brigas entre as crianças surgiam. E assim pretendíamos que as dinâmicas de sala resultassem em um convívio de interação, partilha e parceria.

A cada aula ministrada repensávamos nossas ações sobre os resultados alcançados e os que não foram atingidos, avaliando assim nossa prática pedagógica, refazendo os planos de aulas quando necessários para atender as demandas das crianças. Afinal, elas eram o nosso público alvo, e a finalidade principal era poder contribuir com a aprendizagem delas de forma significativa.

3 A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática pedagógica na Educação Infantil pautada na ludicidade e nas brincadeiras se torna um instrumento que facilita o trabalho pedagógico e aprendizagem das crianças, é preciso que os atuais e futuros educadores de crianças pequenas assumam o compromisso de explorar as habilidades potenciais das crianças de forma significativa. É durante a brincadeira que as crianças liberam suas energias, e exterioriza o prazer da brincadeira e forma de sorrisos. Esse momento é muito significativo tanto para a criança, quanto para o docente.

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil (BRASIL, 1998, p. 27).

Neste sentido reforça-se o brincar como recurso de muita importância da construção identitária dessa criança, através da brincadeira a criança é também introduzida no meio social e cultural entre seus pares, e os demais sujeitos, os adultos. Por meio de momentos lúdicos a criança tem a possibilidade de assimilar a realidade e recriar sua realidade, e vivências cotidianas do meio onde vive, de forma individual e coletiva.

Corsaro (2009) discute sobre reprodução interpretativa e cultura de pares e aborda que as crianças são produtoras de cultura, participam da sociedade, agem e atuam sobre ela, mas também sofrem influências destas. Para Corsaro (2009) as crianças recriam suas culturas através de informações obtidas do mundo adulto, são estas expressas nas suas brincadeiras e no jogo de papéis que são por elas criados. Ou seja, a criança é um ser social que deve ser reconhecida na sociedade, escutada e observada, é capaz de captar, internalizar informações, de ser influenciada pelo contato com a sociedade, com o adulto, mas pode interferir sobre ela na forma como expressam suas brincadeiras e produzem sua própria cultura. Desta forma, as crianças são detentoras de muito conhecimento, não se pode subestimar sua

capacidade. E nesse contexto, a brincadeira que ela executa com os seus pares possui um grande papel, tanto social, quanto cultural.

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância (KRAMER, 2007, p.15).

Ou seja, as crianças fazem parte da sociedade, são cidadãs de direito como qualquer outro indivíduo, e produzem cultura, por meio de seu convívio e influências culturais na interação com os indivíduos e seus pares. E a brincadeira como bem descreve Kramer (2007) faz parte da cultura produzida na infância pelas crianças.

Kramer (2007) faz um questionamento bastante relevante, pensando na posição do adulto, dos docentes e das políticas públicas no que se segue:

As crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). A pergunta que cabe fazer é: quantos de nós, trabalhando nas políticas públicas, nos projetos educacionais e nas práticas cotidianas, garantimos espaço para esse tipo de ação e interação das crianças? Nossas creches, pré-escolas e escolas têm oferecido condições para que as crianças produzam cultura? Nossas propostas curriculares garantem o tempo e o espaço para criar? (KRAMER, 2007, p.16).

Nesse sentido, vale-se ressaltar que este questionamento é instigante e revela que muitas condições ofertadas nas escolas, com recursos e espaços adequados as crianças são ainda insuficientes. É preciso de um olhar crítico e reflexivo por parte do docente, para que crie condições de aprendizagens significativas para as crianças, em que elas sintam-se acolhidas no processo e possam produzir cultura por meio da interação e do envolvimento nesse ambiente e espaço em que passam parte do seu tempo.

Salientando a importância das brincadeiras, Cordazzo e Vieira enfatizam que

A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira a criança, sem a

intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social (CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 97).

A criança é assim, um ser social, detentora de saberes prévios da realidade, desde seu nascimento. Desconsiderar sua autonomia é um erro no trabalho educacional com essas crianças, pois atividades lúdicas favorece a comunicação da criança com os sujeitos em torno de si, e entender a si mesmo, estabelecendo relações sociais com autonomia construindo conhecimento, que fortalecerá seu desenvolvimento integral.

Para Carmo et al:

Os professores devem valorizar o brincar na Educação Infantil, pois é por meio dele que as crianças vão internalizar diversas situações presentes no meio em que estão inseridas. Muitas vezes o professor (a) não tem facilidade em desenvolver um conteúdo com as crianças, não se sente motivado, portanto se repensar na sua forma de ensinar ele irá perceber que necessitará de atividades que vão além do papel, do computador ou do lápis (CARMO et al, p. 12911).

Criança é movimento, é essa fase única deve ser percebida como essencial para o crescimento e desenvolvimento integral. Como bem traz os autores, quando o profissional não tem essa facilidade em lidar com atividades lúdicas, é preciso uma auto-avaliação de sua prática e reflexão em torno de seu trabalho, sobre o que está dando resultados positivos e negativos. O caráter assistencialista de antes, da creche e pré-escola passa agora a demandar um viés de função educativa, sendo assim é de sua responsabilidade valorizar as ações da criança, reconhecendo-a como ser ativo, apto a construir conhecimentos, que precisam ser-lhes despertados.

De acordo com Agostinho,

A creche e a pré-escola, como espaços públicos de educação, oferecem uma gama de situações, nas quais a criança tem de negociar o compartilhamento do espaço, tempo e materiais com outras crianças e adultos. Na relação com esses outros, a criança vai exercitando a

construção de um espaço público, e é nesse exercício de interação, negociação e atividades comuns que os laços de amizade são construídos e vão dar-lhes um suporte social, emocional, afetivo (AGOSTINHO, 2015, p.80).

Ou seja, é nesse meio de convívio com outros indivíduos que passam a fazer parte das relações grupais, que a criança vai construindo-se enquanto ser social, que pode participar, interagir, mas que também tem direitos e deveres, que deve aprender ao compartilhamento e cooperação com os demais envolvidos no grupo do qual faz parte e que relaciona-se também a afetividade e a amizade construída.

É de fundamental importância que o educador, em seus planejamentos considere sempre atividades que contemple o lúdico. Que o mesmo organize seu ambiente, espaço da criança de forma que os mesmos consigam se identificar. A reflexão antes a prática pedagógica em sala de aula, deve ser articuladas ao lúdico como forma de promover um desenvolvimento mais significativo para a criança, o tempo e espaço para uso das atividades devem ser planejados com objetivos concretos, que auxiliem a união de conhecimento educacional com o brincar. Através de uma proposta de brincadeira, a criança poderá desenvolver-se de forma a construir-se como sujeito criativo, de convívio harmônico com todos, aprendendo o valor das regras de convivência e respeito ao próximo, entre muitas outras aprendizagens de suma importância para as vivências sociais.

De acordo com Oliveira,

Os jogos e as brincadeiras estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore (OLIVEIRA, 2010, p.10).

Nesta perspectiva a prática docente deveria alicerçar-se em metodologias que ampare, e valorize a ludicidade, garantindo que a criatividade das crianças não sejam sufocadas com práticas rígidas, autoritárias e tradicionalistas. Não se pode perder de vista a finalidade da fase de vida das crianças, a “infância”, como a fase

de construção de identidades, reconhecimento de valores das crianças. O que elas aprendem e vivenciam, nesta parte de suas vidas, influenciará suas atitudes do futuro. Ao docente, cabe oferecer-lhes as oportunidades para que eles possam elaborar seus conhecimentos, aprendizagens e habilidades. O brincar faz parte, dessa fase, no entanto as vivências e experiências significativas serão levadas para toda a vida desse sujeito.

4 EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE ESTÁGIO

Podemos dizer que, nossas vivências e percurso ao longo deste estágio em educação infantil ofereceu-nos uma grande bagagem de conhecimentos práticos que foram dialogados teoricamente pelo que já vínhamos discutindo ao longo do nosso curso. Ao mesmo tempo nos deparamos com os enfrentamentos, desafios, lutas e possibilidades de construção e reconstrução enquanto pedagogas diante da prática pedagógica, percebendo e experienciando a lida diária dos professores, e percebendo também que encontramos e encontraremos muitas dificuldades no processo educacional, mas que ao mesmo tempo é uma profissão bastante satisfatória, porque nos possibilita vivenciar junto às crianças seu aprendizado, suas dificuldades e conquistas no percurso formativo.

E mais ainda, saber que fizemos parte de sua vida na construção de conhecimentos por elas adquiridos ao longo de sua formação é muito gratificante. Além do mais, por ser a educação infantil uma das bases para construção social da criança, uma fase de grande marca e significados e o (a) educador (a) acaba por exercer grande papel neste processo, e assim, para nós estagiárias desempenhar este papel foi extremamente fundamental para termos a certeza do nosso exercício e ofício enquanto profissionais engajadas na luta por uma educação que seja satisfatória as nossas crianças e que contemple todos os aspectos que a elas são merecidos.

Para Kishimoto,

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (KISHIMOTO, 2011, p.41).

De fato o professor deve criar tais situações lúdicas com o intuito de promover melhorias no aprendizado da criança, sendo um dos métodos considerados eficaz para a construção do conhecimento. Com isso, percebe-se que ao introduzir essa diversidade de interação a ludicidade no processo de educação temos a certeza de que estamos alcançando aspectos positivos quanto ao desempenho a aprendizagem do aluno de modo a deixar a aula mais dinâmica e relativa ao contexto educacional.

Pode-se observar que a instituição escolar possui espaços não adequados ao público que a mesma recebe, além disso, há uma carência grande de materiais adequados a essa realidade.

Para Santos,

Nem sempre as escolas dispõem de espaços adequados, tanto no que se refere a dimensão, a luminosidade, ao mobiliário e, até mesmo, as condições de segurança e higiene, para a realização das atividades que se propõem. Mesmo contando com mínimas condições, com um pouco de atenção e bom-senso é possível transformar significamente o ambiente da sala de aula, tornando-o mais agradável e estimulante ao pleno desenvolvimento das crianças. a sala de aula da escola infantil deve, antes de mais nada, ser um espaço visualmente limpo e claro, permitindo que as crianças desenvolvam suas capacidades de criação e imaginação (SANTOS, 2001, p.97).

O que se pode perceber é que existe um avanço em torno dessa consciência pedagógica de atuação do profissional em proporcionar às crianças um ambiente mais agradável de estar, mesmo que muito tímido essa prática está ganhando aos poucos mais adeptos. No entanto, esse movimento ainda é insuficiente para atender as demandas e necessidades dessas crianças. Mesmo que o docente busque a melhoria de seu ambiente através de materiais, percebe-se que o poder público não faz sua parte, quando não proporciona um ambiente bem iluminado, materiais didáticos suficientes e adequados, uma mobília coerente a idade dessas crianças, entre outros.

Falando de aspectos positivos encontrados em nosso período de regência, salientamos que ficamos contentes por muitos elementos do nosso planejamento ter sido efetivado com êxito e o mais importante adquirir a participação das crianças e a confiança da maioria delas no envolvimento com as atividades, brincadeiras que foram lhes propostas e até mesmo termos ganhado a simpatia e participação das crianças mais tímidas da sala que durante os primeiros dias de observação, mal se mexiam da cadeira, mantendo-se quietas, sem participação e fala em nenhuma atividade. Para nós, tais aspectos conquistados foram de suma importância, principalmente, porque sabíamos que a professora regente da sala de aula estava com aquelas crianças há bem mais tempo que nós e apesar de sua presença em sala durante nossa regência, não interferiu em nosso trabalho e prática, pois as crianças se habituaram a nós com facilidade.

Escutar as crianças, deixar elas a vontade para também se expressarem também foi um dos aspectos que consideramos como de grande relevância, afinal, é preciso saber ouvi-las, convidando-as a serem participativas para que aprendamos juntas com elas, conhecendo-as a si e ao seu contexto e por meio das suas falas poderem intervir diante da prática educativa, rememorando também nossas infâncias e aliando-as à produção de conhecimentos.

As nossas maiores dificuldades enfrentadas dizem respeito a um número pequeno de crianças que apesar de serem bastante participativas durante as aulas, são desobedientes, não conseguem escutar o colega, ou esperar sua vez de participação, querendo tudo para si, talvez querendo chamar nossa atenção somente para elas, e acabavam atrapalhando a execução e andamento das atividades e mesmo sendo o trio de estagiárias para dar conta da turma. Vivenciamos algumas dificuldades, muitas das vezes as crianças não nos atendiam e passamos a refletir também o quão é dificultoso para a professora regente daquela turma, sem ter auxiliar para lhe prestar suporte e ter que dar conta das especificidades de cada criança que recebe em sala. Algumas vezes a professora tinha que nos auxiliar a controlar as crianças em sala para que pudéssemos efetivar as atividades propostas com todas as crianças.

No que se refere ao planejamento de atividades, entendemos e pudemos constatar que de fato os planos de aula devem ser flexíveis e de acordo com as necessidades que surgirem na turma com as crianças, pois, não foram todos os dias

que conseguimos seguir o planejado, tendo que remanejar algumas atividades para dias posteriores, outras que seriam em dias posteriores serem adiantadas. E assim, é necessário considerar a criança, suas especificidades e seu ritmo de aprendizagem, como o mais fundamental e não os conteúdos a serem elencados e dados como mais essencial e terem que ser executados ao “pé da letra”. O que não pode ser feito em um dia deixa para o outro, o que tem importância maior é a essência da criança, suas vozes, sua participação, interação e dinamicidade em sala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio em Educação Infantil trouxe-nos muitas aprendizagens e significados para nossa construção profissional enquanto futuras docentes, aptas a reger uma sala de aula, vivenciando os desafios inerentes à prática pedagógica na sala de aula, e o compromisso e engajamento que devemos exercer com a educação das crianças.

De fato, a formação profissional só se completa, quando o campo proporciona a ela viver e encarar os desafios colocados à nossa frente. O estágio em educação infantil é de suma importância para vida tanto pessoal quanto profissional dos graduandos e graduandas em pedagogia, possibilitando conhecer o universo que está fora da academia e que futuramente conforme nossa pretensão e engajamento será nosso campo de atuação enquanto profissionais aptas e aptos a exercer a profissão de professoras (es) em pré-escolas ou creches.

Apesar das dificuldades encontradas durante este percurso que viemos traçando enquanto estagiárias ocupando o papel de futuras professoras, é gratificante saber que deixamos alguma marca na vida das crianças, apesar de tão pouco tempo de contato. Destacando que fora proveitoso às conquistas obtidas, o sorriso inspirado nos rostos destas crianças e que acabam deixando marcas na nossa história de vida, na nossa construção profissional. O estágio é assim um elo de suma relevância para nossa formação e construção profissional, enquanto pedagogas (os), sem ele, talvez não tivéssemos a chance de conhecer o tateamento

da prática educativa, e sim, já adentraríamos na profissão sem nenhuma experiência antes vivenciada.

Compreendemos que a educação infantil deve ser vivenciada por meio de experiências de dinâmicas participativas, em que a criança sinta-se acolhida e convidada ao processo, em que as brincadeiras e a ludicidade sejam suas fontes principais por meio dos quais os conhecimentos sejam conquistados e adquiridos. E que estes elementos sejam valorizados no contexto educacional das instituições de Educação Infantil, para a produção de cultura das crianças com os seus pares, atuando e recriando o mundo em que vivem através da sua imaginação e o faz de conta.

6 REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **A Educação Infantil com a Participação das Crianças: algumas reflexões**. Da Investigação às Práticas, 2015, 6 (1), p.69 -86.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A rotina como categoria pedagógica. In_____. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. - Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORBA, Ângela Meyer. O Brincar como um modo de Ser e Estar no Mundo. In_____. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade /** organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p.33-45. Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf

CARMO, Carliani Portela do; et al. **A Ludicidade na Educação Infantil: Aprendizagem e Desenvolvimento**, Educere XIII Congresso Nacional de Educação, Formação de professores: Contextos, sentidos e Práticas, ISSN 2176-1396, 2017, p. 12900-12912 Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23662_12144.pdf

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, abr. 2007, v. 7, n. 1, p. 92-104.

CORSARO, William A. Reprodução Interpretativa e cultura de pares. In:_____. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro /** Fernanda Müller, Ana Maria Almeida Carvalho (orgs.).- São Paulo: Cortez, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. In_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação/** Tizuko M. Kishimoto (org.);- 14.ed.-São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sonia. A Infância e sua Singularidade. In_____. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade /** organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p.13-22. Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões Sobre o Estágio/ Prática de Ensino na Formação de Professores.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23 , jan./abr. 2008, p. 195-205.

OLIVEIRA, Fabiane dos Santos. **Lúdico como instrumento facilitador na aprendizagem da Educação Infantil**, 2010, (Monografia em Psicopedagogia Institucional). Universidade Candido Mendes Pós-Graduação Lato Sensu Instituto a Vez do Mestre, ARAIOSES-MA, 2010, p. 1-32.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Promovendo o Desenvolvimento do Faz- de Conta na Educação Infantil. In_____. **Educação Infantil: pra que te quero?/** organizado por Carmem Maria Craidy e Gladis Elise P. da Silva Kaercher.- Porto Alegre: Artmed,2001.